

Amazônia?

Esquece...



Esquece? Como assim? É possível esquecer a maior floresta tropical do mundo? É possível esquecer metade do território nacional? É possível esquecer milhares de espécies de plantas e animais? Aqueles rios imensos, aquela água toda? Esquecer os mais de 200 povos indígenas que vivem por lá? Os ribeirinhos, os seringueiros, as extrativistas?

Uma floresta, mesmo que pareça infinita, acaba. A Mata Atlântica não nos deixa esquecer. A Amazônia parece uma floresta sem fim, mas não é. E, pior, seu fim começa a se delinear no horizonte e já se faz visível ou pelo menos imaginável.

Por décadas, estradas rasgaram a floresta, garimpeiros, madeireiros e grileiros ali viveram, extraíram recursos naturais, usaram a floresta como forma de subsistência e, às vezes, de enriquecimento. Por todo esse tempo, o Estado brasileiro falhou em ter uma política coerente e constante para a Amazônia. O mais frequente foi – e continua sendo – tratar a floresta como maldição, como se devêssemos nos livrar dela para que surgissem oportunidades para o país.

Isso se expressa não apenas nos grandes empreendimentos realizados na Amazônia sem nenhum cuidado e sem nenhuma preocupação com seus impactos devastadores, como é o caso de Belo Monte, mas também no constante descaso com povos indígenas e comunidades locais que vivem na região. Tudo

isso é histórico, mas há algo de novo no front...

Paralelamente, houve, ao longo das últimas décadas, um crescimento das áreas protegidas na Amazônia. Esse processo sempre enfrentou resistência, mas ainda assim, um conjunto relevante de áreas foi criado e seguem protegendo uma importante parte da floresta. E a parte, fora dessas áreas e fora das Terras Indígenas, continua sendo desmatada em um ritmo escandaloso. Tudo isso é o “normal” da região amazônica, mas agora há algo de novo no front...

A interrupção da criação de áreas protegidas, a suspensão completa da demarcação das Terras Indígenas, a falta total de fiscalização e de controle sobre as atividades ilegais na região, o discurso oficial de apoio à ocupação e ao uso ilícito da terra e de recursos naturais na Amazônia, como a grilagem, o garimpo ilegal, a exploração predatória de madeira, o descaso crescente com o licenciamento ambiental e a profusão de iniciativas do poder legislativo e executivo minando as áreas de conservação já estabelecidas delineiam um cenário de ataques sem precedentes à Amazônia e aos seus povos.

Ataques esses, superlativos, como a própria floresta. Antes mesmo das “novas” políticas aterrissem na maior floresta do planeta, chegou, como um arauto, a narrativa. Uma narrativa que sinaliza que vale tudo, menos as árvores e os índios; uma narrativa que afirma

que o ilegal é legal, contra todas as possibilidades; uma narrativa que toma partido dos que estão ocupando a Amazônia há anos, como grileiros e garimpeiros, mas despreza aqueles que estão por lá, há milhares de anos, como povos indígenas.

O resultado no chão, na floresta, tem sido devastador. Um exemplo, na bacia do rio Xingu, entre os estados do Pará e Mato Grosso, há 26 milhões de hectares de áreas protegidas, são 21 Terras Indígenas e nove Unidades de Conservação, que abarcam ecossistemas com mais biodiversidade do mundo. Ali, nessa região, conhecida como “Corredor Xingu”, em dois meses, maio e junho de 2019, 14,7 mil hectares de floresta foram destruídos dentro de Terras Indígenas e Unidades de Conservação no Corredor Xingu. Esse total equivale a um desmatamento 172% maior do que o mesmo período do ano anterior.

Na bacia do Xingu, região que engloba o Corredor, o desmatamento no mesmo período atingiu mais de 45 mil hectares, o equivalente a 544 milhões de árvores derrubadas em dois meses. Já o número de focos de calor aumentou 271% em relação ao mesmo período de 2018. O ano de 2020, além da pandemia do coronavírus trouxe mais desmatamento, mais queimadas e, principalmente, mais descaso.

Mais quente, com mais incêndios e com muito menos árvores, o fim da Amazônia já começa a se delinear. Quando a isso se acrescenta um

agronegócio arcaico, uma leniência significativa com a grilagem e o garimpo ilegal e uma visão anacrônica de desenvolvimento para a região, o que era um delineamento futuro, parece se converter em uma certeza catastrófica.

Vamos precisar de coragem para olhar nossos filhos e netos nos olhos e explicar como deixamos isso acontecer; como permitimos que um dos mais importantes patrimônios do povo brasileiro, a Amazônia, fosse sumariamente destruído; como trocamos uma enorme floresta, com suas milhares de espécies de flora e de fauna por pastos e monoculturas de soja; e como, mesmo depois disso, continuamos a respirar. Bom, talvez com essa última questão não precisaremos nos preocupar...

Amazônia

E eu com isso?

nurit bensusan

ilustrações de Taisa Borges

